SOJA

Ainda se desconhece a real dimensão dos prejuízos causados pela seca que assolou algumas regiões produtoras, mas é seguro que são bem menores do que se anunciou. Os rendimentos agrícolas médios estão próximos aos dos anos normais. Os preços no mercado externo caíram a níveis muito baixos. Há preocupação quanto à comercialização interna.

Em meados de abril, as estimativas da safra brasileira de soja de 1985 eram bastante divergentes. Iam de 16,2 milhões de t, segundo o **USDA**, até 17,6 milhões de t, de acordo com o **IBGE** (ver Quadro 12), anunciando-se várias outras avaliações. Essas divergências se devem, basicamente, aos levantamentos de área plantada, quase sempre calcados nas informações de área financiada por instituições bancárias, que podem ensejar múltipla contagem, principalmente no Centro-Oeste.

Uma forte seca afetou as regiões produtoras durante o mês de janeiro, mas se constatou que os danos causados foram menores do que os divulgados inicialmente. Contudo, a real dimensão desses prejuízos ainda não é completamente conhecida, o que também faz variar as estimativas de produtividade física média.

Diante dessas incertezas, convém admitir que a produção estará ao redor de 16,5 milhões de t. Surpreende o fato de ter aumentado a área cultivada, diante da acentuada queda dos preços internacionais. É de se registrar, também, que, apesar da seca de janeiro, revelaram-se os rendimentos físicos por ha, na maioria dos estados, próximos, ou mesmo acima, da média de anos normais (ver Quadro 13).

A intensificação da colheita, com certeza, esclarecerá essas dúvidas. Neste momento, a principal preocupação reside nas condições em que ocorrerá a comercialização.

Do lado do produtor, o preço recebido situava-se muito próximo do mínimo, no fim de abril, o que fez com que o governo, pela primeira vez em muitos anos, passasse a adquirir quantidades expressivas de soja, especialmente da região Centro-Oeste. De agora em diante, entretanto, a não ser que haja novas baixas do preço do grão no mercado internacional (ver Quadro 14), os preços pagos aos produtores tendem a se distanciar do mínimo, pelo simples

QUADRO 12 – BRASIL – SOJA – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO DAS SAFRAS 1983/84 E 1984/85 [1]

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	
	1983/84	1984/85	1983/84	1984/85	1983/84	1984/85
Rio Grande do Sul	3.641.813	3.611.745	5.415.494	5.395.114	1.487	1.494
Paraná	2.177.900	2.170.000	4.121.000	4.450.000	1.892	2.051
Mato Grosso do Sul	1.179.429	1.288.031	2.002.635	2.318.456	1.698	1.800
Mato Grosso	538.169	789.480	1.050.095	1.644.880	1.951	2.083
São Paulo	482.753	492.500	872.216	973.200	1.807	1.976
Goiás	581.870	726.180	847.440	1.334.800	1.456	1.838
Santa Catarina	420.216	415.000	578.763	512.500	1.377	1.235
Minas Gerais	332.238	442.658	554.162	838.570	1.668	1.894
Distrito Federal	30.000	45.000	51.990	90.000	1.733	2.000
Bahia	27.627	60.000	35.912	90.000	1.300	1.500
Maranhão	4.288	10.470	7.649	18.820	1.784	1.798
BRASIL	9.416.303	10.051.064	15.537.356	17.666.340	1.650	1.758

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa de março de 1985.

efeito da correção cambial, que reajusta diariamente o preço em cruzeiros.

A situação dos preços externos do farelo e do óleo (e, em conseqüência, do grão) tem acarretado fatos inusitados. Cotações de farelo, em Chicago, em torno de US$ 140/t e, do óleo, em torno dos US$ 680/t, têm comprimido a margem de esmagamento de uma forma tal que fazem com que as indústrias decidam pela exportação do grão, quando, em anos passados, fazia-se pressão no sentido de se preservar a oferta de matéria-prima ao parque industrial interno.

De outro lado, os preços elevados do óleo na exportação aceleraram os registros de embarque que, aliados à baixa cotação do farelo, levam a crer que a moagem, em alguns momentos, realizar-se-á primordialmente para atender à demanda externa pelo óleo.

Também o recente tabelamento dos preços do óleo refinado no mercado interno (ao mesmo tempo em que os do óleo degomado continuam cotados em paridade com os preços externos) poderá acarretar um estrangulamento na oferta ou, alternativamente, um reajuste dos preços de venda ao consumidor brasileiro, tal como ocorreu no final de abril.



QUADRO 13 – SOJA – ESTADOS SELECIONADOS – PRODUTIVIDADE FÍSICA MÉDIA NO ÚLTIMO QÜINQÜÊNIO E ESTIMATIVA PARA 1985
(kg/ha)

ESTADO	MÉDIA DAS ÚLTIMAS 5 SAFRAS	ESTIMATIVA PARA 1985
Rio Grande do Sul	1.452	1.494
Paraná	2.093	2.051
São Paulo	1.929	1.976
Santa Catarina	1.285	1.235
Minas Gerais	1.696	1.894
Goiás	1.653	1.838
Mato Grosso do Sul	1.768	1.800
Mato Grosso	1.879	2.083
BRASIL	1.700	1.758

FONTE – IBGE.

Em termos de comércio exterior, a situação igualmente não é das mais animadoras. As cotações do farelo na Europa estão muito baixas e o esperado enfraquecimento do dólar não aconteceu, até o momento. Diante disso e da possibilidade de redução de 5% na próxima safra norte-americana, as perspectivas são de que o país possa obter algo em torno dos US$ 2,3 bilhões com a exportação de soja em grão, farelo e óleo (quase US$ 2,6 bilhões, em cada um dos dois últimos anos).

De maio em diante, o nervosismo no mercado sempre aumenta, em função da possibilidade de problemas climáticos atingirem a safra dos EUA. A essa altura, esse seria um dos poucos fatores capazes de alterar, de modo significativo, os resultados da exportação em 1985.

QUADRO 14 – SOJA – PREÇOS MÉDIOS NO ÚLTIMO SEXÊNIO COMERCIAL E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS ENTRE AGOSTO E NOVEMBRO DE 1984, NA BOLSA DE CHICAGO

ANO COMERCIAL [1]	PREÇO MÉDIO (US$/t)
1978/79	262
1979/80	240
1980/81	274
1981/82	224
1982/83	229
1983/84	274
MÊS	**PREÇO MÉDIO (US$/t)**
Agosto/84	237
Setembro/84	221
Outubro/84	223
Novembro/84	223

FONTE – USDA.
1 Ano comercial internacional: outubro/setembro.